



O CONCEITO E A IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO CONSTRUÍDOS NA ESCOLA.

Prof. Dr. Evando Carlos Moreira¹

O convite para escrever sobre a Educação Física, que ora se concretiza neste texto, muito me alegra e envaidece. Afinal, minha história de vida profissional tem muitas contribuições da Revista *Corpoconsciência*, desde sua criação em 1997 até o presente número. Foram anos de convivência que permitiram reconhecer a importância deste veículo de propagação do conhecimento da área e que colabora significativamente para os avanços científicos.

De antemão esclareço que escrever sobre Educação Física é sempre algo prazeroso e desafiador! Prazeroso, porque deparo-me com uma área que atuo há muitos anos e que aprendi a gostar e lutar por ela. Desafiador, pois, mesmo com o passar dos anos e a evolução do conhecimento de forma geral, ainda existem dificuldades em perceber o reconhecimento da Educação Física para além do mundo profissional e acadêmico, visto a falta de informações e formação da sociedade brasileira. Não que isso seja tão importante quanto reconhecer nosso próprio significado e identidade, mas torna-se necessário uma compreensão para além do pensamento comum, meta que precisa ser estabelecida e, quiçá, alcançada.

Assim, as indagações feitas encaminhadas Editores, a este que vos escreve, nortearão o texto e pode-se dizer que são por demais inquietantes e desafiadoras: quais os principais problemas da Educação Física? Qual deve ser o objeto de estudo, tendências ou concepções da área? Quais as conseqüências da adoção de um objeto de estudo, tendência ou concepção teórico-filosófica para as pesquisas e as mudanças na atuação dos profissionais a partir da adoção de tais perspectivas?

A partir de tal problematização, estabeleço como objetivo deste texto favorecer a compreensão de que os problemas da Educação Física no cenário atual estão atrelados a falta de identidade de sua prática no âmbito escolar, o que não permite definir por que e para que a Educação Física está presente na escola e na vida das pessoas desde a infância.

A prática da Educação Física na escola, especificamente nas últimas décadas, foi alvo de diversos estudos e pesquisas, que sempre apontaram a necessidade de uma mudança de postura docente frente ao seu papel e da Educação Física nesse espaço de informação e formação de pessoas.

O que se observou, até então, foi a busca incessante por uma identidade que muitos até hoje não encontraram ou mesmo aqueles que o fizeram, sempre a estabeleceram de maneira particularizada e, por que não dizer, tendenciosa, isto é, julgando que a identidade apresentada era, de fato e de direito, a única, desconsiderando os estudos e avanços de outros profissionais.

Assim, estabeleceram quais eram as finalidades e justificativas da presença da Educação Física na escola, bem como qual o papel do professor na formação de seus alunos, mas tais definições sempre surgiram da negação explícita daquilo que outros encontraram e, para aqueles que estão no cotidiano das quadras, tais discussões poucas vezes apresentaram respostas aos seus problemas, quando não confundiam muito mais do que esclareciam ou apontavam caminhos.

¹ Doutor em Educação Física pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas; Professor Doutor Adjunto I da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso.



Vivemos durante muitos anos na Educação Física a negação do outro, como se as diferenças de pensamento fossem crimes contra a área. Construímos (ou destruímos!?) um arcabouço teórico e nos fechamos em nossos “quintais de conhecimento” (ARROYO, 2002), hierarquizando saberes entre os mais e menos importantes.

Não se faz aqui uma apologia à mesmice ou ao pensamento único, visto que entendo que o avanço científico de uma área depende das divergências, contradições e negações, desde que, de fato, avancemos!

Esse período de ebulição da Educação Física não foi suficiente a ponto de esclarecer qual o significado da existência da Educação Física na escola.

Para Caparroz (1997) esse período permitiu apenas caracterizar a Educação Física como componente curricular subordinado a composição de um conjunto de conhecimentos, desconsiderando seu papel específico, perdendo suas características e sua constituição no decorrer da história, dificultando o desenvolvimento e contribuição para o processo educacional.

Como consequência dessas indefinições, os conteúdos da Educação Física não foram organizados de maneira sistemática. Não existe uma organização lógica e gradativa daquilo que se faz. Simplesmente se faz e nada mais.

A Educação Física na escola precisa atingir níveis de desenvolvimento que rompam com os trabalhos desarticulados e descontínuos. É Preciso sim, discutir o que fazer, como fazer, mas para conferir significado e importância a prática docente e a Educação Física é necessário discutir por que e para que fazer, proporcionando aos alunos um aprendizado mais consciente e crítico sobre a cultura humana e suas experiências corporais. (SOUZA JÚNIOR, 2001; FREIRE; SCAGLIA, 2003; OLIVEIRA, 2004).

A prática da Educação Física deve privilegiar o aspecto humano; perceber o indivíduo para além do movimento; enxergar seus sentimentos, emoções, sensações, percepções, intencionalidades e a busca da superação de sua condição particular, de seus limites, permitindo a satisfação do indivíduo e, principalmente, o conhecimento do seu próprio corpo físico, social, intelectual, afetivo e moral.

Assim, surgem alguns questionamentos: após tantos conhecimentos produzidos pela Educação Física, anos de estudos e pesquisas, quais foram os avanços da prática da Educação Física na escola nas últimas décadas? Ganhamos ou perdemos espaços? O professor sabe, definitivamente, qual é o seu papel e o papel da Educação Física na formação das crianças e adolescentes que se encontram na escola? Elaboramos propostas que chegaram aos professores, estimularam a reflexão sobre suas práticas pedagógicas e melhoraram o seu fazer docente?

Não pretendo responder a essas perguntas, mas peço que os leitores reflitam e discutam sobre elas!

Faço essa sugestão de reflexão e discussão, pois as divergências, contradições, negações, falta de encaminhamentos, avanços e conquistas, sempre prejudicam àqueles que mais necessitam: as crianças e os adolescentes que estão na escola.

Diversos estudos e pesquisas relatam que: as aulas de Educação Física se apresentam como sinônimo de prática de jogos pré-desportivos e esportivos, e esse problema não é uma exclusividade apenas do Ensino Médio, como muitos poderão afirmar ou mesmo a literatura apontar, mas surge desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, um dos maiores equívocos dos profissionais da área; a utilização da competição como uma das únicas maneiras de chamar a atenção dos alunos para



as aulas, porém um dos aspectos que mais afastam alunos da prática, visto a “importância” que se confere a ela, tanto por parte do aluno, o que pode ser aceitável, pois, muitas vezes, não recebe os esclarecimentos necessários do professor e, da parte do professor, que não consegue reconhecer que a competição é importante para o contexto de formação do aluno, mas precisa ser pensada, discutida e refletida com e para os alunos, permitindo seu pleno desenvolvimento; não existe preocupação com o “pensar sobre”, com a reflexão daquilo que se pratica ou mesmo com os possíveis questionamentos de quem executa; não existe preocupação com aspectos educacionais; é um espaço para cumprimento de normas e regras pré-determinadas; falta cientificidade durante a prática pedagógica, professores executam movimentos e alunos apenas repetem, na antiga concepção de que aqueles que sabem fazer, obviamente, sabem ensinar e, conseqüentemente não possibilitam que os alunos analisem com profundidade e criticidade o que realizam. (OLIVEIRA, 1992; GONÇALES; FERRONI, 2003; FREIRE; SCAGLIA, 2003; NISTA-PICCOLO, 2004).

Outros autores afirmam que com o passar dos anos escolares a prática da Educação Física torna-se repetitiva, quase que totalmente ligada ao aperfeiçoamento técnico de habilidades esportivas aprendidas nas séries anteriores ou à prática formal de modalidades, quando pode ser uma oportunidade de oferecer aos alunos: conhecimentos teóricos sobre o movimento humano e sua relação com a prática do esporte; discussões sobre os problemas de ordem social, política, cultural, emocional, física, que afetam o desenvolvimento durante as atividades escolares e prática da Educação Física, permitindo que esse desenvolva a capacidade de criticar e discutir pontos de vista com autonomia; a possibilidade de aprender a aprender, permitindo adquirir conhecimentos e habilidades e saber como e quando utilizá-los de acordo com a etapa de desenvolvimento em que se encontra. (CELANTE, 2000; HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001; MONTENEGRO; MONTENEGRO, 2004; BETTI; ZULIANI, 2002).

Oliveira (1992) e Cruz (2007) reforçam a compreensão de que a Educação Física precisa ser compreendida para além da pecha que sempre carregou, ou seja, ser apenas o momento de brincar, jogar e correr atrás da bola. Essas prática podem existir, porém, a partir delas, deve-se oportunizar o conhecimento, o ensino, a análise, a avaliação, a pesquisa e a reflexão que seus conteúdos proporcionam.

Entendê-la como uma prática de transmissão e reprodução de conhecimentos manterá seu caráter utilitarista, sem sentido, sem significado, sem identidade, passível de interferências, mandos e desmandos, sem legitimidade conquistada, quando muito, apenas imposta, via de regra, por efeito de lei.

Assim, a Educação Física pode ser entendida como um conjunto complexo de relações, pois, há muito está sendo discutida, porém a falta de materialização e soluções para os problemas que afetam a sua aplicação, especificamente, na escola, uma vez que esse é um dos campos possíveis de atuação profissional e onde tudo começa, pouco ocorre.

Não estou falando de modelos! Refiro-me a perspectivas concretas para que o professor seja conduzido a um processo de observação e reflexão de sua prática pedagógica, um olhar para sua realidade, fato que transcende qualquer tipo de elucidação sobre um fazer pedagógico que, por vezes, está distante e não se aplica ao seu cotidiano.

Entendo que os professores de Educação Física devem participar, de maneira efetiva, da vida da escola, discutindo e opinando sobre os rumos da instituição, participando na elaboração da proposta político-pedagógica e, conseqüentemente,



definindo os rumos do desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes. Espero que isso faça parte das responsabilidades docentes, porém, será que o professor de Educação Física tem essa compreensão, ou ainda, será que durante a formação profissional essas questões são discutidas?

Ao definir os rumos da vida escolar com a participação na elaboração do projeto político-pedagógico, entendo que planejar o cotidiano das aulas é uma consequência natural e qualquer ação que se coloque como séria e comprometida, não pode prescindir de uma estrutura organizacional e de planejamento. Dessa forma, o professor de Educação Física deve responsabilizar-se pela organização e planejamento da forma mais adequada possível, para que suas ações tenham uma estrutura lógica e que atenda às realidades nas quais se insere.

Já ultrapassamos a época em que professores não planejavam, porque tinham todas as informações necessárias “em sua cabeça”, algo que já era inconcebível alguns anos atrás, hoje então, uma prática totalmente irresponsável.

Planejar é, fundamentalmente, um processo de decisão: escolher entre as alternativas de ação e, se temos alternativas, precisamos conhecê-las o melhor possível, partindo da premissa de que é possível se preparar para o futuro.

“As desculpas” sobre a falta de materiais e espaços adequados para a prática também devem ser deixadas de lado. Proponho uma reflexão, quantos profissionais, sejam eles professores ou não, têm materiais e espaços adequados e ideais para sua prática profissional? Obviamente, quanto melhores e diversificados forem os materiais e espaços, pressupõe-se que a prática também o seja, porém a carência de material ou de espaço não pode se constituir em impedimentos que privem as crianças do acesso a qualquer manifestação cultural. Se o campo de terra batida, um pátio, uma sala de aula são os únicos espaços para a prática esportiva, eles devem ser utilizados da melhor maneira possível e que o professor oportunize diversas vivências corporais, independente da condição, considerando que o centro do processo do ensino e da aprendizagem é o aluno.

Outro aspecto a ser considerado no cotidiano das ações docentes é a capacidade em buscar as informações e inovações tecnológicas e científicas que a sociedade atual apresenta, ou seja, não se faz mais necessário ensinar às crianças e adolescentes quantas pessoas são necessárias para praticar um jogo de futebol, regras do handebol, ou como se faz um ponto no voleibol, tais informações podem ser acessadas facilmente, seja com a internet ou mesmo com outros meios de comunicação, tais como a televisão.

O professor de Educação Física na escola de hoje precisa de dinamismo para não deixar que suas aulas se tornem monótonas, enfadonhas e sem sentido. Deve sim, estabelecer a mediação entre o aluno e o conhecimento, estimulando-o na busca e construção de seus próprios saberes, tornando o espaço de aula um local de promoção de responsabilidade, respeito, participação, permitindo a formação de pessoas autônomas, conscientes, sujeitos de sua própria condição e história.

Os conteúdos devem ser explorados em todas as suas possibilidades, não apenas na perspectiva do “fazer”, mas compreendidos em suas múltiplas possibilidades, passando pela sua construção e evolução histórica, quais influências sociais, culturais e econômicas recebe, permitindo que o aluno observe-a com criticidade.

Entendo por conteúdos tudo o que representa os conhecimentos que foram e são construídos socialmente e que se constituem como significativos para serem apresentados, vivenciados e apropriados pelas diversas gerações, como elementos



importantes e que devem ser transmitidos, trabalhados, reformulados e transformados para atender aos diversos momentos históricos.

Libâneo (1994) afirma que os conteúdos de ensino representam um conjunto de conhecimentos, de habilidades, de hábitos, de valores e atitudes da atuação social e que, referem-se aos conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, capacidade de conhecer, formas de atividade, de compreensão e aplicação, hábitos de estudo, trabalho e convivência social, valores, convicções, atitudes e, conseqüentemente, retratam a experiência social da humanidade, seus conhecimentos e formas de agir, que devem se transformar em elementos assimilados, compreendidos, que auxiliem a enfrentar as demandas da vida em sociedade.

Diante disso, o autor conclui que, a escolha dos conteúdos de ensino se faz considerando a herança cultural manifestada nos conhecimentos, habilidades e na experiência da prática social dos alunos, por conseguinte, em seus problemas e desafios cotidianos.

Deixo aqui outra indagação. Sabemos quais são os conteúdos que melhor auxiliam os alunos a enfrentarem sua realidade social, suas necessidades e, que atendam aos seus interesses?

Outros aspectos poderiam ser abordados nesse momento, mas entendo que eles podem ser discutidos a “posteriori”, visto que se os professores refletirem sobre os que foram discutidos até aqui, os demais serão conseqüências, tais como as estratégias utilizadas para desenvolver os conteúdos, formas de avaliação, questões de gênero, inclusão, turmas de treinamento, dentro outros.

Dessa forma, faz-se necessário que ocorra uma tomada de consciência, mas que precisa de estímulos que conduzam a observar e refletir sobre o fazer pedagógico.

Nesse momento, quero partilhar as responsabilidades com os professores, pois, muitas vezes, a falta de observação e reflexão da prática pedagógica é fruto de uma formação inicial que esteve vinculada à obtenção de instrumentos que permitissem ao aluno, futuro professor, aprender seqüências de atividades na forma exata como seriam transmitidas e, conseqüentemente, utilizá-las com boa desenvoltura durante seu trabalho, características de um aprendizado baseado em modelos, geralmente, estereotipado e eivado de vícios e distorções esportivizadas e que, até hoje, estão presentes nas escolas, como destacam diversos estudos e pesquisas na área da formação profissional (ANDERÁOS, 1998; BORGES, 1998; DACOSTA, 1999; MOREIRA, 2002; TOJAL, 1995; 2000; 2005; NASCIMENTO, 2006; OLIVEIRA, 2006).

Uma vez que a formação inicial não contribui de forma efetiva para uma atuação consciente, reflexiva, crítica, comprometida e participativa do professor de Educação Física, a prática na escola perde seu significado, tanto para dirigentes e, principalmente, para os alunos.

Disputas acadêmicas, sobre o que oferecer durante a formação docente, se mais aulas de biologia, anatomia, fisiologia ou mais práticas esportivas ou as ciências humanas, não são mais necessárias. É preciso compreender que superamos a fase das disputas entre concepções de Educação Física, que as tais concepções são benéficas e nos permitiram avançar, mas, efetivamente, os avançarmos no atendimento dos nossos alunos e não em discussões que ficam no plano das reflexões, mas que partam para o plano das ações concretas, ou seja, as necessidades e interesses das crianças e dos adolescentes que estão na escola.



Como citado anteriormente, diversos estudos apontam a falta de um trabalho mais efetivo durante as aulas de Educação Física, ou seja, que atenda às necessidades das crianças e adolescentes e que não sejam apenas espaços de encontro, local de expressão e troca de afetos, de tédio e de rotinas sem sentido. Enfim, um espaço em que o aluno construa uma compreensão e identidade de Educação Física a partir de experiências significativas, que permitam o desenvolvimento das potencialidades humanas.

É na escola que tudo começa: o gosto pela prática de atividades físicas; o brincar e sua característica prazerosa, que está carregado de vivências de valores e atitudes; a compreensão crítica “do que”, “como”, “por que” e “para que” fazer; entender porque se faz ou se deixa de fazer atividade física, uma vez que nem sempre e para todos ela pode ser benéfica; a libertação de uma consciência ingênua acerca da realidade do mundo dos esportes que tanto ilude aqueles que não tiveram oportunidade de observá-lo de outra forma; a compreensão de que a prática de atividades físicas é um direito do cidadão, mas não o único e que o atendimento dessa condição precisa estar vinculado ao atendimento básico de outras necessidades, tais como saúde, habitação, transporte, trabalho e renda, para que não tenhamos a política e, desculpem-me a expressão, do “pão e quadra” ou melhor, do “pão e circo”; a desmistificação de que Educação Física é o momento do “jogar bola” e “relaxar”, pois podemos jogar bola e relaxar, mas essa condição deve permitir aprender algo, saber por que e para que se faz, já que fazer por fazer não requer professores de Educação Física, pois a bola ou qualquer outro material passa ter mais significado, isto é, quando o professor chega em quadra com uma bola “grande e alaranjada” debaixo do braço, a primeira idéia que vem a cabeça dos alunos é..., teremos aula de basquete! Enquanto existir essa compreensão o conceito e a identidade da Educação Física serão reduzidos ao fazer pelo fazer.

O caminho para mudança, ou sendo otimista, para novas conquistas, é a tomada de consciência do mundo acadêmico, que precisa de maior aproximação interna, dentro desse universo fragmentado e tão preocupado com a produtividade que, muitas vezes, nos torna obstinado pela busca de publicações em periódicos “A”, “B” “C” internacionais, mas que se esquece que a existência da Educação Física como área de conhecimento necessita dos professores que estão na ponta do processo de constituição de uma identidade da área. Não podemos tomar o caminho irreversível da produtividade a qualquer custo, inclusive esquecendo a escola, pois é lá que tudo começa. Devemos, sim, buscar uma aproximação do que se produz nas quadras e ginásios das escolas, auxiliando no desenvolvimento de práticas pedagógicas cada vez melhores e que assim o serão se forem sustentadas pela complexidade do conhecimento e não por sua fragmentação, por sua vez o conhecimento somente será produzido e tornar-se-á útil se nascer da e para a prática pedagógica docente.

Dessa forma, o professor deve acessar diversas formas de informação e transformá-las em conhecimento, (re) significando sua prática, não se fixando em ações únicas e que com o tempo se tornam ultrapassadas. É necessário acompanhar o desenvolvimento e evolução das características das crianças e adolescentes, pois só assim as aulas terão significado para eles, ocorrendo, portanto, um elo único, cíclico e infundável de práxis, onde não será possível identificar início ou fim, mas um constante fazer com componentes indissociáveis.

Cabe ainda, ao professor de Educação Física, compreender que o seu papel e de suas aulas será mais ou menos eficiente se o aluno tiver a oportunidade de usufruir, pensar, elaborar, produzir, reproduzir, partilhar, discutir, refletir,



compreender, transformar e estabelecer relações com a criação de uma cultura de atividade física consciência, crítica, participativa.

Por fim, entendo que a atuação dos professores de Educação Física deve superar a lógica estabelecida até então, compreendendo e refletindo sobre sua realidade, entendendo-a como algo dinâmico, imprevisível, interminável, e, portanto, impossível de ser fragmentada, separada, fracionada e que deve conduzir seus alunos a agirem de maneira transformadora, pois:

O homem medíocre é uma sombra projetada pela sociedade. É por essência imitativo e está perfeitamente adaptado a viver em rebanho, refletindo as rotinas, os preconceitos e dogmas reconhecidamente úteis para a domesticidade. (INGENIEROS, 2004, p. 44).

Assim, acrescento às diversas indagações que me foram feitas por ocasião da elaboração do presente texto, outra: o que esperamos e desejamos para Educação Física?

E a esse questionamento posso responder da seguinte maneira: que construa seu conceito e identidade a partir de um grande alicerce, que por sua vez favorecerá a compreensão do seu papel, função e finalidade, a escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERÁOS, M. **Estudo das Propostas de Formação Profissional Desenvolvida pela Faculdade de Educação Física de Santo André**. 1998. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação Motora). Faculdade de Educação Física: Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

ARROYO, M.G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. **REMEFE: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo: Mackenzie, v. 1. n. 1, p. 73-82, jan./dez., 2002.

BORGES, C.M.F. **O Professor de Educação Física e a Construção do Saber**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CAPARROZ, F.E. **Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola: a educação física como componente curricular**. Vitória, ES: UEFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CELANTE, A.R. **Educação Física e Cultura Corporal: uma experiência de intervenção pedagógica no Ensino Médio**. 2001. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

CRUZ, A.C. **Educar e Competir**. *Revista Crescer*. São Paulo, n. 160, p. 48-49, mar., 2007.



DACOSTA, L.P. **Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer: memória, diagnóstico e perspectivas.** Blumenau: FURB, 1999.

FREIRE, J.B.; SCAGLIA, A.J. **Educação Como Prática Corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

GONÇALVES, C.T.; FERRONI, G.S. **A Desconsideração ao Professor de Educação Física na Escola.** 2003. 52 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Educação Física, FEFISA - Faculdades Integradas de Santo André, Santo André, SP, 2003.

HILDEBRANDT-STRAMAN, R. **Textos Pedagógicos Sobre o Ensino da Educação Física.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2001.

INGENIEROS, J. **O Homem Medíocre.** Curitiba, PR: Chain, 2004.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MONTENEGRO, E.; MONTENEGRO, P.A. **Ética e Docência na Educação Física.** In: TOJAL, J.B. (Org.); DACOSTA, L.P.; BERESFORD, H. **Ética Profissional na Educação Física.** Rio de Janeiro: Shape: CONFEF. cap. 21, p. 257-268, 2004.

MOREIRA, E.C. **Licenciatura em Educação Física: reflexos dessa formação na região do Grande ABC.** 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

NASCIMENTO, J.V. **Formação Profissional de Educação Física e as Novas Diretrizes Curriculares: reflexões sobre a reestruturação curricular.** In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas.** Rio Claro: Biblioética, p. 59-75, 2006.

NISTA-PICCOLO, V.L. **A Produção do Conhecimento em Educação Física.** Revista Corpoconsciência, Santo André, SP, n. 13, p. 15-24, jan.-jun., 2004.

OLIVEIRA, A.A.B. **Analisando a Prática Pedagógica da Educação Física.** Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina, Londrina, PR, v. 7, n. 13, p. 11-14, jul., 1992.

_____. **Planejando a Educação Física Escolar.** In: VIEIRA, J.L.L. **Educação Física e Esportes: estudos e proposições.** Maringá, PR: Eduem, cap. 2, p. 25-56, 2004.

_____. **A Formação Profissional no Campo da Educação Física: legislação, limites e possibilidades.** In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas.** Rio Claro: Biblioética, p. 17-32, 2006.



SOUZA JÚNIOR, M. **O Saber e o Fazer Pedagógico da Educação Física na Cultura Escolar**: o que é um componente curricular. In: CAPARRÓZ, F.E. (Org.). **Educação Física Escolar**: investigação e intervenção. Vitória, ES: Proteoria, v. 1, cap. 4, p. 81-92, 2001.

TOJAL, J.B.A.G. **Currículo de Graduação em Educação Física**: a busca de um modelo. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. **Esporte e Formação Profissional**. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. **Fenômeno Esportivo e o Terceiro Milênio**. Piracicaba: UNIMEP, cap. 9, p. 267-275, 2000.

_____. **Da Educação Física à Motricidade Humana**: a preparação profissional. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2005.

Recebido: 10/09/2008

Aprovado: 10/09/2008